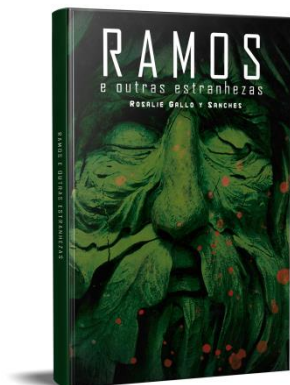


A VIDA DE UMA ROSA

THE LIFE OF A ROSE

LA VIDA DE UNA ROSA

 Rosalie Gallo y SANCHES<sup>1</sup>



<sup>1</sup> E-mail: [rgallo1945@gmail.com](mailto:rgallo1945@gmail.com). Doutora em Teoria Literária pelo Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Dentre a sua vasta produção literária, em 2001, publicou em português e italiano “A Memória Invisível”, com fotos e textos sobre um cemitério genovês. Dois anos depois, veio o romance juvenil “Eu Vi Onde Termina o Mar”, um dos selecionados na primeira edição do atual Programa Municipal “Nelson Seixas” de Fomento à Produção Cultural. Publicou também “Luísas”, “O paciente de Jorlene” e “A coroa da menina”. Seu próximo livro de contos, “Ramos e outras estranhezas”, está em fase de pré-lançamento na editora Mentas Abertas: [https://mentasabertas.minhalojoanouol.com.br/produto/329694/ramos-e-outras-estranhezas-\[contos\]](https://mentasabertas.minhalojoanouol.com.br/produto/329694/ramos-e-outras-estranhezas-[contos])

Recebido em: 21/02/2020

Aprovado em: 29/07/2020



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Naquela tarde sonolenta e quase inútil de uma sexta-feira qualquer, só restava a Rosa olhar sem ver o televisor ligado. Suas mãos tricotavam mecanicamente mais um sapatinho de bebê, trabalho a que se propusera quando seu marido fora submetido à primeira cirurgia do câncer que o vitimaria, anos depois.

Pensou em como começara aquela tarefa. Era o ano de 1976. Viu-se de novo, nova, com o marido também novo, já sofrido por uma bolada no jogo de futebol com os amigos bancários, no clube. Havia voltado do jogo sem enxergar direito. Dias depois aparecera em casa com óculos e passara a reclamar que não se adaptava a eles, parecendo-lhe ter sempre degraus à frente, nos quais temia tropeçar e agravar seu estado. Desse dia até o dia da primeira cirurgia, três longos meses se arrastaram em exames.

Na cama do apartamento hospitalar, Ilario ressonava quando dona Carmem entrou para visitar. Era uma visita singular, inesperada. Ela, esposa dedicada do Diretor médico Antônio Prudente, fazia questão de levar um pouco de conforto e de sorrisos a todos os internados e acompanhantes. Ao ver Rosa com tricô às mãos, não hesitou:

- Sabe fazer sapatinhos de bebê? Temos uma internada que deu à luz e está fazendo tanto frio! Não temos como agasalhar os pezinhos do bebê a não ser com meias maiores...

Rosa não se lembrava mais como fazê-lo, embora tivesse aprendido durante seu período escolar de ginásial. Mas não se intimidou:

- Posso tentar. Mas não tenho agulhas nem lã apropriadas, disse, mostrando o novelo de grosso fio que tecia para uma blusa adulta.

- Vou providenciar.

E sorrindo, saiu do quarto aquela senhora magra e pequena apenas na aparência.

Não se passara muito tempo para que Rosa tivesse em mãos o que precisava para a nova empreitada. As tentativas se sucederam com anotações por escrito até que uma receita resultou satisfatória. Rosa sorriu. Fez logo o segundo pezinho e horas depois soube que já estavam nos pés do bebê.

Naquela noite Rosa não dormiu quase nada. Seu coração estava aflito com o resultado da biópsia do material extirpado do rosto de seu marido. Chegaria no dia seguinte. E chegara. Enquanto as enfermeiras faziam o curativo, Rosa se afastou e saiu de mansinho para atender ao chamado do médico.

- A biópsia chegou com o laudo de condrossarcoma. Seu marido não terá mais que cinco anos de sobrevida.

Dada a sentença, Rosa engoliu as lágrimas, fez-se de forte e voltou ao quarto.

Sua única filha era uma garotinha de quase três anos. “O que será de nós? O que fazer de mim?”, perguntava-se. E começou ali a preparar-se para uma viuvez precoce que não chegou a não ser vinte e dois anos depois. Daquele tempo restaram a chefia da casa, uma saudade muito dolorida, a tarefa de tricotar para bebês e muita solidão.

Rosa suspira fundo e volta ao trabalho do tricô. Quarenta e quatro anos depois ainda fazia sapatinhos para doar a bebês necessitados. Jamais vira qualquer bebê usando um de seus trabalhos. Isso não a incomodava, porém. Satisfazia-se em fazê-los e doá-los a alguma entidade que se encarregasse de fazer chegar aos pés de quem esperava algum conforto. E fazia de forma que ninguém soubesse que era ela quem tricotava. Contava que “uma senhora me pede para entregar”. E lhe bastava.

O programa de televisão recomeça após a publicidade e mostra reformas e compras de casas. Rosa desvia o olhar porque sabe que o final feliz será o mesmo. A casa reformada será vendida e a família se mudará para uma casa mais nova e maior. Sorri ao constatar uma verdade tão simples: nunca morará em uma casa como aquela, moderna demais, colorida demais, aberta demais. Até gostaria de morar de novo em um sobrado como aquele em que nascera, mas a idade e as complicações de saúde já limitavam sua vida e se via feliz, confortavelmente instalada em uma ampla casa térrea.

Voltada ao tricô não se importa com as inúmeras mensagens que lhe chegam ao celular. Decidiu há muitos anos que não mais seria escrava do telefone, como já fôra, quando aguardara em vão que uma voz distante se aproximasse e lhe dissesse ao ouvido que estaria chegando logo. Assim sozinha, continuava a

vida de viúva que lhe cabia. Isso não a impedia, contudo, de acalentar sonhos (ou desvarios, talvez?) e esperar que algo inusitado lhe acontecesse.

Como um leve torpor de cansaço tomou-lhe as forças devagarinho, apoiou as mãos no colo, ao fim da carreirinha tricotada, recostou a cabeça para trás e sem perceber, cochilou.

Reviu-se em outra casa, uma festa de aniversário de um adolescente. Alegria geral e seu coração que batia forte porque se via de mãos enlaçadas com um homem grande, bonito, sedutor no olhar e de gestos amorosos. Alisava sua palma de mão como se quisesse descobrir seu lado mais profundo, como se pudesse ler-lhe as linhas, as dele nas suas mãos, quiromante de amor. Seu sorriso a abraçava de tal forma que o calor de sua presença irradiava sua alma e a iluminava de alegria. Seria o amor tardio, o amor maduro de que os poetas falam?

Viu-se em seguida em uma segunda casa, em um quarto cuja cama imensa estava bem disposta, em estilo americano, diferente da sua, tão italiana. De novo, o belo homem de barba e sorriso a convida, recostado:

- Vem cá.

Rosa não recusa. Aninha-se com cuidado no abraço viril e sente que ele puxa sua perna para debaixo da dele. Um beijo na testa. O morno dos lábios. Os olhos fechados com medo de acordar. Mas acorda. Perdeu, novamente, o momento do carinho.

Era ele, o homem que invadira sua vida, pouco tempo antes, trazendo-lhe ares de primavera e sonhos adolescentes na velhice, com doces e felizes lembranças. Uma única vez ele estivera em sua casa. Fôra suficiente para que ele a conquistasse, para que Rosa tivesse vontade de lhe pedir que não fosse embora ou que, se tivesse de ir, a levasse com ele para sempre. Mas calara-se envergonhada de seus desejos, sabor de sua boca na palma da mão, que fechou logo, qual criança a querer guardar dentro de si aquela sensação. E contida, ficou sozinha. Sozinha e insegura. Tão sozinha e insegura quanto na sua primeira oportunidade de conhecer a família do homem sedutor. Estava programado um almoço. Tinham vindo buscá-la no hotel e, ao chegar ao restaurante, ele e uma caixa de bombons a esperavam com carinho e sabor. Toda a tarde a família a observara e a acanhada Rosa conseguiu romper seus limites e conforto emocional e avançar impetuosamente, dizendo-lhe baixinho:

- Não vou embora sem um beijo seu.

Ganhou um beijo que ainda lhe traz ondas de calor ao lembrar o calor dos lábios daquele homem invasor, no corredor do seu apartamento, no hotel onde foi deixada infelizmente com educação e respeito. Seu lado adolescente e selvagem estava à flor da pele. Esperava mais. Esperava que ele voltasse. Mas não.

Não houve tempo de muito progresso. Uma forte dor de cabeça o levou ao hospital e de lá saiu operado com a notícia de que “talvez sua memória recente tenha sido afetada”. Ainda que o fosse, Rosa rezava para que ele não se esquecesse dela.

Os meses se passaram depois que tinham se visto pela última vez. Tinha vontade de saber dele, de estar ao seu lado, de partilhar canções antigas, de fazê-lo dançar músicas da adolescência, preencher com risos a tristeza da realidade que lhes tocava. A pior sentença foi ouvi-lo dizer:

- Você não merece passar por isso. Já passou com seu marido. Eu já passei com minha esposa. Sabemos o que virá. Tem ainda sua vida a viver.

Sonhos truncados, de novo. Cristais trincados, de novo. Vidas trancadas, de novo.

Passeia pela casa como se fosse um lugar desconhecido. Observa seus móveis como se os visse pela primeira vez, senta-se no mesmo sofá em que o sorridente sedutor se sentara na vã tentativa de resgatá-lo. Anoitece com fome (desde que horas não se alimentava?) e inicia então a rotina noturna: banho, roupa de dormir, cabelos penteados, cozinha, leite da geladeira, xícara no micro-ondas, açúcar orgânico e café velho para tingir o leite (de quando será esse café?), rápido passeio para que o cachorro se distraia e faça suas necessidades sem precisar fazê-las dentro de casa (ele dorme em seu quarto, sobe e desce de sua cama a noite toda!), ração para os gatos das ruas do condomínio que, dia-a-dia aumentam (eles contam para os outros gatos onde tem comida?), banheiro e escova de dentes (escolha uma de cerdas macias, dissera a dentista!) com creme dental milimetricamente colocado sobre a bancada da pia e voltado exatamente ao lugar.

Apaga a luz do banheiro, ao sair. Pausa no closet tentando achar um motivo para não se deitar muito cedo. Então vê. Nunca mais usara o vestido azul marinho com que o recebera na única visita à sua casa. Parecia-lhe um mascote de sorte e esperava vesti-lo quando ele voltasse para vê-la, um dia.

Um outro vestido, cuidadosamente escolhido, experimentado e comprado continua pendurado, sem uso. O perfume preferido, retirado da caixa, foi guardado outra vez. Abre uma gaveta com lágrimas na alma. A lingerie que, sem pejo, contara ao dono do sorriso encantador ter comprado para o próximo encontro, continua na gaveta com suas etiquetas que debocham de sua ingenuidade, todas as vezes que Rosa a abre. O ritual termina com um livro que devora sem se dar conta que o relógio está perto de marcar quatro horas.

Lá fora, o silêncio. Dentro dela, um rodaminho de vazios. Então adormece e volta a sonhar até acordar chorando de saudade. Do homem sedutor e dela, também.

Os dias são iguais, neste período de quarentena. São iguais aos anteriores, pensa ela. Nada difere do marasmo emocional, da saudade, da tristeza, dos tricôs, de sempre.

As canções americanas da década de 60 que cantava em voz alta pela estrada, em direção à cidade, antes sem saber a razão e durante aquele ano, sabendo porque gostava tanto delas, restavam agora mudas no carro entristecido e parado. Nova solidão, nova tristeza, nova saudade. E uma dor de saudade que lhe embaça os olhos e a obriga a soluçar baixinho, mesmo estando só, por vergonha de amar tanto, sendo tão velha.

Seus dias são monótonos, embora cheios de atividades. Lê muito, escreve muito, pensa muito. Mas ninguém sabe ou vê.

Decide levantar-se da poltrona em que estivera sonhando. Dirige-se à cozinha, enche um copo de água, olha pela janela enquanto bebe. Dois gatos preguiçosos dormem sobre o capô de seu carro e, acordados pelo pouco barulho que fizera, olham com enorme preguiça e descaso para a solitária mulher.

Seu cachorro a acompanha por onde for. Está ali a seus pés esperando decidir para onde irá, agora. Abre vagarosamente a porta da cozinha, atravessa a área de serviço, ultrapassa a porta que dá para a garagem. O cachorro atrás. Anda sem pressa uns vinte passos. Os gatos continuam estirados. O cachorro continua atrás. Caminha até o portãozinho que dá acesso à rua sem saída. “Sem saída”, pensa Rosa. “Assim vivo”. Abre-o e deixa sair o cachorro feliz a passear sem coleira e sem perigo.

Rosa permanece ali não sabe quanto tempo. Até que o cachorro volte. Então, entram os dois. Perto da porta da cozinha ouve o final de uma chamada telefônica. Não se apressa. Aprendeu com a velhice e a doença a não ter pressa para mais nada. Sua filha deixa um recado. Quer saber como está e avisa que não poderá vir hoje, mas amanhã, com certeza, passará algumas horas com ela. Tudo como ontem. Tudo como anteontem. Tudo como nos últimos anos.

O isolamento que procurava havia por fim encontrado mudando-se do centro da cidade para um complexo de pequenas chácaras, devidamente protegidas por altos muros e exemplar segurança. Distante do burburinho da cidade passou a ser ainda mais silenciosa para não interferir nos sons da natureza em que mergulhara. Poucas eram as pessoas que recebia, além de familiares. Um ou outro amigo, de vez em quando, alguns ex-alunos. Por isso seu mundo se modificou. Estava mais calmo, mais sereno, mais natural, mais voltado para si e muito mais perto de Deus.

Tinha voltado a ler mais, a pescar leituras e releituras na enorme biblioteca onde passava muito tempo do dia, dividindo as horas entre o sol que a amornava e a poltrona de couro, destinada ao tricô e a alguns raros programas de televisão, senão séries, filmes e documentários que eram de sua predileção. O último com que tinha se deleitado tinha sido um sobre um tour de Ella Fitzgerald e seu trio pela Europa, encerrando-se na Bélgica. Isso na década de 50.

Em resumo, estava feliz na sua solidão e à espera do que pudesse vir. Reconhecia que sua vida não era de grandes emoções embora, quando citava dela algum episódio vivido, percebia nas pessoas uma reação de espanto pela forma como Rosa se auto diminuía.

Estava escrevendo uma visão das cidades italianas sob dois pontos de vista diversos em parceria com um amigo de outra cidade, um generoso editor que apreciava seus escritos. Escrevia também para si mesma, relatando a ninguém o que nutria dentro de si, o quanto era capaz de amar e o quanto essa ausência de amor a dois lhe fazia falta. Escrevia, por fim, a todos os que mal amavam, aos que não conseguiam amar, aos que eram desamados, aos marginais do amor, aos que estavam destinados à solidão consciente, a um leitor invisível. E enviava seus textos para outras cidades e outros países onde não seria reconhecida e provavelmente jamais vista.

Ganhara alguns prêmios, é verdade. Uma parte da biblioteca acomodava títulos, estatuetas e troféus empoeirados, esquecidos. E se envergonhava deles. Por isso, não os olhava. Deixá-los à vista fôra, para Rosa, uma maneira de preencher as prateleiras de livros que havia doado à época da mudança. Viraram, portanto, decoração de vida.

Ao lado da poltrona preferida, o tricô. Sempre o tricô. A cada mês contava os domingos e religiosamente entregava um pacotinho com o mês em curso, contendo um par de sapatinhos por semana. Olhou para os pacotinhos já arrumados: abril, maio, junho e julho de 2020. Ao lado, sapatinhos sem arremate que iriam se compor para agosto de 2020. Estava adiantada na produção porque agora as visitas estavam ainda mais raras. Não por sua culpa, mas porque um vírus vindo da China havia atravessado suas fronteiras e se alastrara por todo o planeta.

De nome real, o vírus não poupava ninguém e não respeitava classe social ou sexo. Dava, porém, sua preferência aos incautos, desordeiros e imprudentes, uma classe humana existente e que passou a se mostrar diante do quadro pandêmico. A palavra de ordem era, então, ficar em casa. Nada difícil para Rosa, que sabia como administrar seus vazios tempos. A funcionária com quem convivia há quase vinte e cinco anos não estava mais trabalhando para não sair de casa e enfrentar transporte público, ou seja, poupando-se e poupando com respeito seu próximo. Nos primeiros meses, Rosa suportou com galhardia a solidão. Depois, acostumou-se e criou seu ritmo próprio. Estava acostumada a ter a regalia de uma pessoa mais nova que trabalhasse em sua casa por ela, agora beirando setenta e cinco anos. Passados os primeiros meses do ano, entretanto, chegaram a um consenso razoável: Rosa sairia de carro devidamente protegida para buscar a fiel serviçal que dormiria em sua casa duas noites. No terceiro dia Rosa a levaria de volta, de carro. Serviria como passeio e seria a proteção para ambas.

Aconteceu em um fim de semana em que estava sem ninguém em casa.

A mensagem chegou comum, como todas as outras, sem nenhum alarde. E resgatou-lhe uma parte da vida.

- Rosa, que saudade... Que tal reeditar seu livro? Tenho uma editora à disposição e gostaria de te presentear com a reedição. É uma forma simples de retribuir o que fez por mim, por minha formação profissional.

Primeiro foi o susto. Depois, a alegria de reencontrar Paula, uma ex-aluna que desejava estudar espanhol e que na trajetória de sucesso tinha chegado à professora universitária de língua, literatura e cultura hispânica. Rosa se lembrava apenas de tê-la ajudado a se transferir de uma faculdade particular para outra, estadual, em outra cidade. Dali para frente havia um rol infindável de vitórias daquela garota estudiosa. Rosa a acompanhara em muitas empreitadas através de mensagens que ela enviava. Tinha orgulho de ver a bonita estrada que ela percorria.

Não reeditaria o livro solicitado, mas colocou à sua disposição uma porção de textos fantasiosos, alguns antigos e outros criados mais recentemente. Falou-lhe também de uma sequência de poemas que organizara, dando-lhes um fio narrativo que começava com a descoberta do amor e se encerrava com a sempre solidão, “fim de quem ama”, diria Vinicius de Moraes, mas filosoficamente sabida de todos que é o drama maior do homem neste planeta.

Acabou enviando os dois e aguarda o andamento da carruagem. As modernidades favorecem o encurtamento das distâncias para a correspondência (ah... as antigas cartas...) mas esfriam-lhe o sabor. Pessoa me sorri, sentado à porta de A brasileira e repete com Álvaro de Campos “Todas as cartas de amor são ridículas”. São, mesmo, confirma Rosa. Mas arremata arremedando: “A verdade é que hoje / As minhas memórias / Dessas cartas de amor / É que são / Ridículas.” Lembra que precisa queimar tantas cartas de amor. Recebidas e não enviadas. Vai fazer isso, um dia. Perdeu a conta de quanto já escreveu e guardou, de quanto já escreveu e jogou.

Chega-lhe a notícia, uma manhã, que morreu um amigo de Letras. Sofre calada, mais uma perda. Pouco tempo atrás, um amigo querido de Curitiba também se foi, deixando suas boas conversas sem sentido, monologadas. Tem a sensação de que nasceu ricamente vestida e que a Vida foi lhe tirando pedaços das roupas, transformando a rica veste em farrapos e depois, arrancando-lhe os farrapos também. Morrerá sozinha e nua, com certeza. Espera não dar trabalho a ninguém.

Os dias se sucedem com novidades que não alegram nem entristecem o coração de Rosa, que passou a viver a vida de forma a não esperar nada de ninguém, a não desejar nada além do que pode ter no momento.

Pelo celular, tem notícias do mundo. Na Itália, a quarentena está menos rígida. Amigos italianos lhe escrevem para contar da alegria de poderem sair de casa sem as máscaras. No entanto, chegam, ao mesmo tempo, notícias alarmantes da Holanda onde 40 pessoas foram contaminadas na primeira missa autorizada.

Os Estados Unidos declaram fechamento de fronteiras com o Brasil. A China continua em silêncio. Saber-se-á um dia a verdade sobre a situação? Rosa não acredita nessa hipótese.

De São Paulo chega a notícia de uma amiga jurista, injuriada por ser informada que o pai de sua vizinha, doente há muitos anos, faleceu no hospital e seu atestado de óbito constou como *causa mortis* o corona vírus. Há, por trás das fotos, interesses materiais que não alcança e já abomina. Fotos publicadas que não consegue mais saber se são verdadeiras ou montadas mostram caixões sendo desenterrados e vazios ou cheios de pedra. Milhares de covas abertas à espera de quem ainda está vivo. A vida tirada na sorte de palitos. Famílias indignadas. Gritaria popular. Desencontros de decisões políticas deixam a população em polvorosa, sem saber em que acreditar, em que desacreditar. Não é diferente com Rosa. Sem ter muita aptidão para discutir Política, limita-se a ler e ouvir as notícias, procurando equilibrar-se no fio do meio termo, nada confortável nem ideal, mas seguro para sua posição de leiga.

Prefere continuar a preocupar-se com os brotos das primaveras que escapam ao controle da subida pelas colunas da pérgola recém-construída ou dos botões de alguma orquídea, devidamente pendurada nos galhos dos ipês que decidem aparecer para alegrar sua visão de mundo.

Visão de mundo... O que seria dela sem a visão de mundo com que seus pais a haviam equipado? Lembra-se da única filha e das filhas de sua filha. Com que valores ela e o marido criam a prole? Sente-se tranquila; sabe que as bases em que se apoia a nova família são sólidas. De sua parte, ela e o marido haviam oferecido à filha o melhor da educação formal e familiar, de valores morais; da parte do genro, a convivência com ele e com seus pais tinha-a convencido de que sua educação também houvera sido esmerada. O amor dos pais às netas que lhe tinham dado era a maior prova que podia ter. Às vezes não deixa de se espantar com algumas reações das pessoas. Às vezes se assusta. E sente que está sendo atropelada pelo tempo inexorável que deseja engolir seus escritos, suas ideias, seus pertences, seu ser. Para voltar à serenidade que lhe falta nesse instante, lembra-se que cada um é responsável pela abertura e pela manutenção de sua estrada, na vida. Aprendeu que devemos respeitar o tempo e o modo das pessoas, permitindo-lhes a aprendizagem no momento adequado, sem invasão de domicílio privado. Orientar, se possível; ajudar, sempre; interferir, jamais.

Rosa não tem apego a coisas materiais. Tem apego ao afeto que as coisas materiais fazem transparecer com as lembranças, à sua visão. Tem discos de vinil e tem CDs. Gosta mais dos primeiros, mas ouve mais os segundos. Tem livros em profusão. Já teve mais. As várias mudanças de casa, no entanto e a princípio, fizeram-na diminuir o volume de livros por um tempo para logo depois voltar a crescer. Agora estava atravessando uma fase estranha em relação a livros. Com o advento do e-book, muito do livro físico perdera espaço. Rosa se mantinha fiel às páginas de papel, ao lápis e à borracha que usava para fazer



anotações nas laterais das páginas, anotações estas que, lidas depois de um tempo, soavam infantis e despropositadas. Como todas as cartas de amor. E acaba se divertindo com algumas anotações.

O que seria feito de seus livros? Parariam em algum sebo? Em algum ponto de descarte? Quem leria suas anotações? Quem saberia da importância de algumas dedicatórias em livros que guardava com carinho? Para que teria servido o carinho? Muitas eram as indagações dessa mulher solitária.

Estende suas preocupações aos bules de porcelana que há mais de 40 anos coleciona. Uma coleção bizarra, começada por um erro: em uma das limpezas de seu depósito, separou caixas para serem colocadas no lixo e, sem perceber, incluiu uma com xícaras e pires de muitos aparelhos de café que ganhara no casamento. Ao arrumar as prateleiras do depósito, ao final da limpeza, deu por falta da caixa, mas já era tarde demais. Sobraram cinco bules. Foi assim que decidiu tirar uma parte da decoração da estante da sala de visitas para substituí-la por estes cinco bules de porcelana. A partir de então, as pessoas que a visitavam, no início do casamento, perguntavam o motivo de estarem ali expostos aqueles bules tão bonitos. Rosa contava a história e pouco tempo depois a visita voltava com um presente: um bule para sua “coleção”. Muitos eram novos, sem uso, mas de histórias antigas. Outros eram de família e desejavam que não se perdessem, ficando melhor na composição de uma coleção. Outros ainda eram realmente comprados por amigos viajantes ou não, para esse fim, o que começou a lhe dar gosto. E passou a procurar antiquários e feiras, vitrines e lojas durante viagens, para dar significado à volta para casa.

Alguns tinham histórias bastante interessantes. Uma senhora amiga lhe presenteou com um bule amarelo e filetado em ouro, explicando que estava certa de que Rosa cuidaria bem dele, a última lembrança que tinha do Presidente da república do Brasil Juscelino Kubitschek, padrinho que fora de seu casamento no Rio de Janeiro. Fatidicamente, meses depois deste presente a Rosa, a senhora faleceu.

Um outro bule lhe fora trazido por um ex-aluno, médico na cidade de São Carlos que, ao ver o bule e ler que era da Checoslováquia, tratou logo de adquiri-lo e o trouxe com o maior cuidado de Praga para as mãos da professora querida. Tanto quanto o amarelo, esse bule é historicamente valioso pelo singular fato de não mais existir o antigo país, pacificamente bipartido desde 1992 pelo Divórcio de Veludo.

“Desde quando uma separação consegue ser pacífica?”, questionava-se Rosa.

Também adornavam o móvel dos bules dois especiais: os do casamento de seus pais, ocorrido em 1925 e prestes a completarem cem anos. “Cem anos de solidão”, lamentava-se ela.

Um bule chamava, porém, a atenção de todos e tinha sido alvo de matéria de entrevista em televisão: era uma réplica do bule que supostamente Vasco da Gama usava, tendo seu bico a 90 graus (e não a 180!) da asa. Tinham lhe explicado, na loja da Vista Alegre, no Porto, em visita com um casal amigo de Vila Nova de Gaia, que Vasco da Gama preferia se servir sozinho e, para isso, havia sido criado aquele modelo de bico. Uma aquisição rara e cara, envolta em muito cuidado e trazida em mãos.

Hoje a coleção conta com mais de duzentos e todos têm suas histórias. Com certeza serão todas esquecidas. Quem se interessaria por histórias de uma mulher solitária que colecionava bules de porcelana???

E seus móveis, que fim teriam? Perguntava-se Rosa ao entrar na ampla sala de visitas acoplada à de jantar. Tinha tido tanto prazer e cuidado no resgate a duas poltronas que conhecera ainda criança, no salão do sobrado em que nascera e fora criada! Onde parariam as poltronas de sua vida? Estes e outros pensamentos não passavam em sua mente por acaso. Aliás, não acreditava em acaso. Pensava com certa frequência em assuntos até então esquecidos, relembrava fatos até então relegados ao passado, desejava contatos com pessoas de quem não tinha notícias havia muito tempo. Um desejo secreto de retomar um fio perdido de sua vida que agora, analisada friamente, lhe parecia insípida, sem sentido, sem utilidade. Uma busca de sentido era o que lhe parecia.

E mais e mais Rosa silenciava.

Deu-se o direito de não arrumar sua cama, ao se levantar. De comer quando realmente tivesse fome. De dormir a qualquer hora, durante o dia e de vagar durante a noite em investidas de *zapping* na televisão. De procurar na internet canções antigas que lhe trouxessem boas lembranças de um tempo em que dançava de rosto colado, no clube de sua pequena cidade natal. De rever nos sobrinhos as irmãs falecidas. De voltar ao portão do Grupo Escolar onde chorava para poder entrar, aos cinco anos. De ouvir seu pai assobiando Strauss enquanto revisava filmes e guardava para ela, em uma lata de metal, retalhos do celuloide, tal qual muitos anos depois Tornatore mostraria em um filme intitulado *Nuovo Cinema Paradiso*. Tanta era a vontade de visitar seu passado que retomou fotografias, a despeito da invasão bárbara que seu álbum tivera sofrido ao completar 50 anos. Fome de si. Saudade de si.

Dizem que na velhice, as pessoas relembram seu passado porque o ritmo de vida está na linha proporcionalmente inversa. Talvez fosse o que acontecia a Rosa nos últimos tempos.

Suas atividades atuais, teoricamente suspensas posto que as circunstâncias e a tecnologia ensinaram como sobreviver ao caos, continuavam a lhe exigir dedicação e não se furtava a elas. Continuava a ser voluntária para o Brasil de um prêmio italiano de poesia e o fazia também com prazer. Continuava a projetar uma Antologia que chegava à quarta edição, com relativo sucesso e brilho. Continuava a atuar no grupo de letras e cultura a que pertencia por posse de uma cadeira patronal. Continuava, continuava. Mas lhe parecia estar no automático, bastando manter o ritmo, sem acelerar ou diminuir a velocidade de sua vida, que deixava acontecer...

Em uma das tardes em que o sol estava ameno e o frio cedia lugar ao morno ócio, deitada na espreguiçadeira do jardim dos fundos, Rosa decidiu que queria escrever algumas coisas para suas netas.

Rabiscou no seu imaginário um livro para cada uma delas. Para a mais velha, um que contasse a história de sua família, para que um dia ela soubesse de suas origens e pudesse recontá-las a outras pessoas e familiares e fazê-la não se esquecer das raízes. Para a mais nova, algo mais infantil, engraçado, de fácil memorização para ela declamar ao citar a avó.

Foi assim que surgiram dois livros. A quarentena tinha então uma serventia, a seu ver: produzir algo que alimentasse a memória e a inventividade das pessoas. Como não se sabia quanto tempo duraria a quarentena que, de quarenta dias ultrapassara, e muito! Rosa debruçou-se sobre estes projetos. Convidou uma amiga aquarelista para ilustrar o texto infantil e não demorou muito para que aquele mesmo amigo editor se interessasse pela publicação do livrinho. Ao mesmo tempo, dedicava-se a descrever fatos que sua memória fazia revisitar e, resgate após resgate, narrou toda a saga familiar, desde os quatro avós europeus chegados ao Brasil no fim do século XIX até os dias de hoje, romanceando sua insípida parte biográfica e relatando o que gostaria que lhe tivesse acontecido.

Entretanto, terminadas estas empreitadas de muitas semanas, voltou ao ritmo do vazio anterior. E aconteceu o imprevisto. De tanto trabalhar no notebook, tinha visto muitos arquivos esparsos com textos seus em prosa e em versos. Resolveu então organizá-los. Não saía de casa a não ser para ir à sessão de fisioterapia, uma vez por semana e para retornos médicos. Todo o mais resolvia por celular, com aplicativos que finalmente dominava ou com auxílio da filha que até compras fazia por e para ela, declarada de grupo de risco, principalmente depois que tivera um problema de saúde, meses antes. Era cardíaca, hipertensa, tinha sofrido um mixedema em decorrência de dosagens equivocadas de medicação para tratamento de tireoide, sofrera algumas decorrências que lhe haviam complicado a saúde. Tinha, enfim, que admitir que o sedutor desaparecido tinha mesmo razão em afastá-la: “seriam dois velhos, um cuidando do outro”. Concordava com a afirmação. Só não compreendia porque não se podia praticá-la. Haviam se afastado por vontade dele, que respeitou em choro solitário, em sonhos, em tristezas. E em esperanças, por que não dizer?

Isso não a eximia, portanto, de sofrer de saudade daquele ser. Sonhava constantemente com ele e, sem respostas diretas, procurava saber notícias através da filha que a acolhera em suas duas visitas. Ardia de vontade de perguntar se ele ainda se lembrava dela, mas, com receio de ouvir que a tinha esquecido, declinava da demanda.

Uma manhã, ao acordar e ligar seu celular para se inteirar do que houvera acontecido no mundo durante seu sono, deparou-se com uma surpresa. Muitos cumprimentos por um texto publicado em um dos jornais da cidade, o maior, regional. Era uma crônica singela em que relatava um encontro com uma família de refugiados.

Para Rosa, tudo o que escrevia era muito pessoal e para não se fazer conhecer a fundo, não costumava mostrar seus escritos. Tinha enviado via internet o texto a uma amiga de letras que vira o papel impresso sobre a escrivaninha de sua biblioteca e que, sem que Rosa o soubesse, havia encaminhado ao jornal que tomara a liberdade de publicá-lo. Teve uma repercussão inesperada. Muitos viram, muitos leram. E um alguém, de muito longe, a contatou e a convidou para mostrar o que escrevia.

“Por que não?”, perguntou-se. E enviou alguns textos. Uma história de sacis brasileiros que moravam no bambuzal da casa da avó de uma menina muito curiosa e interessante. Uma outra história, um amor estranho entre uma mulher mais velha e um rapazinho muito novo. Por fim, uma história das aventuras de um sapatinho de menina, nascido para viver em uma casa rica, que acaba por realmente conhecer o que é a vida nos pés de uma menina pobre.

Surgiu então a expectativa de publicação dessas criações.

A vida de Rosa prosseguia em paz, em solidão, em total previsão.

O único fato que a incomodava, na verdade, era não poder viajar, não sair com o carro, não dirigir até as cidades onde moravam suas irmãs. Das cinco filhas, sobravam agora ela, a caçula, a que era imediatamente acima dela e a mais velha. Todas viúvas. Tinha vontade de sentir o vento entrando pela janela do carro, tinha vontade de fazer tocar em volume altíssimo as músicas de que gostava e tinha, sobretudo, vontade de rever as irmãs, conversar sem pressa de telefone, tomar café e comer bolo recheado de leite condensado e ameixa ou de degustar a lasanha de berinjela com que lhe brindava cada uma delas. O período não permitia, contudo. E se limitava a falar com as irmãs através do telefone, ora em áudio, ora em videochamada, recurso moderno que exigia delas o auxílio de terceiros mais habilitados.

Rosa continuava seu trabalho de organizar seus textos. E o fez, semana após semana, até deixá-los todos organizados em pastas do computador, agora fáceis de serem acessados.

Percebeu ainda que assim organizados, podia se desfazer de papéis em que os havia escrito a mão ou mesmo datilografado, diminuindo de maneira sensível o volume de papéis dos armários da biblioteca.

Não parou por aí. Resolveu organizar seus documentos e contas em pastas, como soube que um amigo tinha feito. O filho, ao lhe dizer isso, de certo lastimava a morte do pai, mas exaltava sua competência e sua organização. Contas pagas separadas de contas a pagar. Anos anteriores há cinco anos, segundo o contador, podiam ser destruídas. E Rosa foi limpando sua biblioteca e descomplicando sua vida.

Chegou a vez dos pacotes de cartas. As tais cartas ridículas de amor. Aquelas que todos nós escrevemos e recebemos. Releu todas. Dos namorados anteriores ao marido falecido. As deste separou em um pacote à parte para que a filha conhecesse quem eram seus pais antes do casamento. As demais as amarrou e com carinho, levou-as ao fundo do quintal onde, dentro de uma lata depositou-as em pequenos pacotes intercalados com jorros de álcool e ateou fogo. O azul das chamas escrevia com desenhos no ar a

dor do amor não realizado, da saudade, do que não aconteceu, da distância havida e permanecida. Ali ficou por horas, até que as cinzas não contassem mais nada sobre os antigos amores sofridos.

Já começava a anoitecer e a esfriar quando entrou em casa. Rotina, de novo! Banho, roupa, comida, cachorro, gatos, livros, leite e cama. Mas de madrugada. Nada de dormir cedo nem de acordar cedo. Fizera isso quando não era aposentada e confessava agora, rindo para si mesma... Odiava ter que se levantar cedo! Notívaga por excelência gostava de ler ou ver filmes até bem tarde. E antes de ir para a cama, qualquer que fosse o horário, o banho era sagrado.

Naquela noite, viu um filme antigo que estava em sua estante, um clássico entre os lindos musicais americanos que apreciava bastante. Cantou com a protagonista Dolly e acabou chorando de saudade do marido que frequentemente tocava no teclado a célebre canção de Pixinguinha e a ária da Viúva Alegre e ria ao dizer para Rosa que a dedicava a ela, que desejava que ela fosse uma viúva como aquela Dolly, que procurasse se casar de novo para não estar sozinha. Ela o desobedeceu. Demorou muitos anos para ter vontade de sair, de ir ao cinema, de rir e até de conversar. Curtiu um longo período negro de luto. A primeira vez que foi ao cinema estava com a filha. E tem sido assim. Atualmente, com as netas, também. E voltou a degustar filmes infantis, hoje muito diferentes dos de sua época, vistos no cinema de seu pai.

Inexplicavelmente Rosa passou a sonhar mais. Atribuiu o fato ao isolamento maior, às notícias canalizadas na política ou na crise de saúde. E passou a dormir mais para ter sonhos melhores. Afinal, tinha tempo suficiente para isso!

Sua única filha lhe telefonava ou lhe escrevia mensagens pelo celular várias vezes ao dia e não deixavam de se despedir à noite nem de se cumprimentar pela manhã como tarefas habituais. Eram as últimas pessoas com que se contatavam e eram as primeiras, ao acordarem. A filha, muito cedo, lhe escrevia uma mensagem de saudação porque trabalhava a partir das sete e meia; Rosa, costumeiramente bem mais tarde, quando acordava.

Em uma determinada semana de junho, como acontecia em todas as segundas-feiras, Elizabete, a serviçal que atendia a Rosa, acordou no seu horário de costume, fez suas orações, preparou seu café da manhã e aguardou que Rosa viesse buscá-la. Sabia que não viria muito cedo porque ela não gostava de se levantar muito cedo. Deu oito e meia. Deu nove horas. Deu nove e meia. Elizabete começou a se preocupar. Nunca Dona Rosa se atrasara assim. Ligou para seu celular, imaginando que ela tivesse passado na padaria, talvez. Mas o celular não respondia. Desligado ou talvez ela tivesse saído de casa e se esquecido de pegá-lo. Talvez estivesse sem bateria, o que acontecia com frequência. Esperou mais um pouco. Dez horas. Nenhum sinal de Dona Rosa. Então Elizabete ligou para Catarina.

- Bom dia! Você falou com sua mãe hoje?

- Diretamente, não. Deixei mensagem de bom dia. Ela foi dormir muito tarde. Por quê?

- Ela deveria ter vindo me buscar. Não apareceu nem atende ao celular.

Não chegou a completar meia hora deste diálogo e a filha abria a porta da casa de Rosa:

-Mamãe? Mamãe?

Tudo quieto. Entrou depressa no quarto, sempre de portas abertas e viu a mãe na cama.

- Que susto! Achei que...

E interrompeu sua fala. Sua mãe estava imóvel, muito fria. O cachorro ainda a seus pés, como de costume.

Chamado o socorro, foi constatado que Rosa havia parado.

As providências foram tomadas e o sepultamento feito sem velório, dadas as circunstâncias. A pandemia exigia precaver-se. Ela, o marido e as duas filhas, Elizabete, todos de máscaras. Mais ninguém. Sobre os pés de Rosa, a bandeira da Academia de Letras a que pertencia. Um anúncio no jornal avisa a cidade que Rosa foi vítima de uma parada respiratória em decorrência de uma parada cardíaca. Em tempos de pandemia e de pestes, outras doenças não alçam a bandeira branca para qualquer trégua na guerra entre a vida e a morte, cumprindo dessa maneira e fielmente a lei a que se prestam. Aqui e acolá mensagens de pesar e de saudade antecipada. Agora, à filha totalmente órfã restava o marido e as próprias filhas a quem se apegar.

Elizabete estava inconformada. Tinha acompanhado os últimos trabalhos da patroa amiga. Não podia acreditar no que estava acontecendo. Tinham convivido por quase vinte e cinco anos e agora também se sentia órfã.

Passou-se uma semana para que a filha voltasse a procurar Elizabete, que ficara na casa para cuidar de plantas, do cachorro, dos gatos.

- Bete, preciso ir até aí para mexer nas coisas de mamãe. Pode me ajudar? Não vou conseguir sozinha.

Encontrou a casa como se a mãe ainda estivesse prestes a voltar de algum passeio. Tudo limpo, tudo no lugar. O cachorro, tristonho, pulou de alegria ao ver a filha, vestígio de sua dona. Procurou-a por todo lado, pensando que brincasse com ele de esconder e, sem sucesso, voltou à tristeza anterior quando percebeu o silêncio e o choro das duas mulheres. Recolheu-se à caminha e baixou a cabeça, também.

Entraram no quarto de Rosa. No banheiro, as gavetas mostravam o cuidado em ter os objetos à mão até no escuro, se necessário. O closet estava totalmente organizado; as caixas de sapatos, as echarpes em caixas, as roupas de festa, os vestidos de mangas compridas separados dos demais, as blusas ordenadas por cor e comprimento de mangas, as gavetas impecáveis de lingerie, de camisetas, de meias, de roupas de dormir; as bolsas organizadas e em pé, recheadas de plástico-bolha para não deformarem. Faltava apenas

um item – o vestido com que fôra sepultada. Tudo à filha agora fazia sentido. Aquela organização exagerada que antes criticava era para facilitar a ação de quem precisasse mexer em suas coisas.

Nada de vestir ou calçar servia a Elizabete além de bolsas e echarpes por ser mais baixa e mais gordinha que Rosa. A filha, dolorosamente, separou camisetas e algumas calças de malha para as meninas. Separou também, do armário da entrada onde ficavam as roupas de frio, algumas peças mais urgentes para o frio temporão que fazia. Pegou por fim as caixas de joias.

- Vamos escolher. Do que você gosta, Elizabete?

- Pérolas.

Com muita tristeza e respeito, manuseavam as joias de Rosa e, escolhidas, algumas peças foram entregues à fiel funcionária. Bastava por aquele dia difícil, mas não o pior de todos. Outros dias viriam para acabar de ver tudo o que havia na imensa casa que abrigara Rosa em seus últimos anos de vida. E não tardaram a chegar.

Ao entrar na biblioteca, o notebook clamava por ser ligado. Mas a filha começou pelas partes de portas fechadas. Sob a enorme janela, um extenso móvel coberto de futtons e dentro do qual Rosa guardava as caixas de madeira com fotos ampliadas, fotos de exposições feitas. Embora amadora, sem grande conhecimento de fotografia, adorava fotografar e tinha se sentido estimulada uma vez que, ao mostrar suas fotos feitas em uma viagem, havia recebido elogios de dois grandes fotógrafos da cidade.

A parte inferior das estantes tinham portas e a filha começou a abri-las, uma a uma, a partir da esquerda. A primeira estava lotada de rolos de papel de presente. A filha sorriu. Sua mãe gostava muito mesmo de dar presente. Mais que de receber. A segunda tinha pastas fechadas com elástico e etiquetas nas bordas. Facilmente reconhecíveis e disponíveis. Na pasta etiquetada “imóveis”, Catarina encontrou as escrituras antigas de todas as casas em que havia morado. As lembranças afloraram imediatamente porque se lembrou que sua avó, mãe da mãe, tinha morado com sua família por onze anos. Era um privilégio ter convivido com ela. Da casa atual de sua mãe estavam em ordem até os talões pagos de impostos. Tinha também uma pasta etiquetada como “carro” e nela, todos os documentos de carros havidos e vendidos, bem como as carteiras de habilitação vencidas. As portas seguintes mostravam uma coleção de discos de vinil. A letra de sua mãe a emocionou. Tinha anotações e datas que ajudavam Catarina a descobrir a verdadeira mãe, escondida nos tempos de antes. E essa era a hora da descoberta. A última porta daquele lado guardava uma coleção de discos também de vinil, mas todos clássicos.

Do lado direito, o grande sofá e a poltrona preferida de couro marrom tomavam metade da extensão da estante. Duas portas, apenas. A primeira, lotada de caixas de fotografias e álbuns antigos. A segunda, com uma porção de papéis. Catarina começou a ler e reconheceu de pronto os escritos da mãe, sobre os

quais chorou muito. A letra manuscrita e datas em alguns papéis traziam a mãe de volta. Uma dor lancinante atravessou seu coração. Não hesitou e, abraçada a calhamaços de manuscritos, chamou-a entre lágrimas:

- Mãe!

Uma luz muito suave e quase imperceptível se fez então presente. Tão leve que nem ela nem Elizabete perceberam. A claridade aproximou-se devagarinho da jovem ajoelhada no chão, envolveu-a, dançou em seus cabelos. Catarina chorava copiosamente, sentindo que ali estava sua mãe. Teve certeza então que ela não havia desaparecido, que ela não desapareceria jamais. Que seus vestígios eram precisos, reconhecíveis, perenes. Seu perfume a denunciava. Sua vida estava gravada na dela. A claridade foi se afastando, devagar e a calma voltou aos olhos e ao corpo convulsionado de Catarina.

Respirou fundo, sentou-se então à escrivaninha e ligou o notebook, esquecido há tantos dias. Acessou o e-mail de sua mãe. Dezenas de mensagens que lia com calma, em sua casa. Desligou-o, desconectou-o da tomada, interrompendo seu trabalho na casa da mãe e o colocou na sua bolsa. Pressentia que passaria a madrugada lendo as mensagens que deveria responder no lugar de sua mãe.

Não foi o que aconteceu. Em sua casa, Catarina esperou as filhas e o marido dormirem para encontrar sua mãe. Ligou o notebook. Logo às primeiras mensagens, duas notícias a fizeram chorar muito. O editor da capital avisava que os textos que Rosa havia enviado para análise haviam sido aceitos e a ex-aluna informava que havia decidido fazer os dois livros de presente, pedindo retorno para decidirem sobre as capas.

Naquela noite Catarina dormiu ainda chorando, mas estava em paz. Sabia que sua mãe também estava feliz. Tinha certeza que estava bem. Tinham, ambas, certeza de que a vida dessa Rosa não tinha sido insípida nem sem sentido e muito menos inútil.

FIM